



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

ISSN 1645-9369

NIGP

Núcleo de Investigação em
Geografia e Planeamento

GEO-Working Papers



NIGP – Universidade do Minho. Campus de Azurém – 4800-058 Guimarães

Tel.: 351-253 510 560 — Fax: 351-253 510 569

geowp@geografia.uminho.pt

<http://www.geografia.uminho.pt/wp.htm>

**“Narrativas de lugar e memória: a importância de crescer
o espaço na identidade do sujeito”**

Ricardo Nogueira Martins

SÉRIE INVESTIGAÇÃO 2013/23

“Narrativas de lugar e memória: a importância de crescer o espaço na identidade do sujeito”

Ricardo Nogueira Martins

Ricardo Nogueira Martins é Licenciado em Geografia e Planeamento, pelo Departamento de Geografia da Universidade do Minho, estando a desenvolver atualmente investigação no âmbito da temática da Geografia Cultural, Memória, Cultura Visual e Teorias de Espaço e Lugar no contexto do seu mestrado em Geografia, especialização em Planeamento e Gestão do Território, pelo Departamento de Geografia da Universidade do Minho, que versa especificamente sobre “A deformação espacial para uma conceção do lugar: a memória como uma narrativa de movimento”.

Ficha Técnica

Título: **Geo-Working papers**

Propriedade e Edição: Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento

Editor: António Vieira

ISSN: 1645-9369

ISSN (versão em linha): 1647-595X

Número de exemplares impressos: 40

Publicação on-line:

<http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/geoworkingp>

Os “**Geo-Working papers**”, editados pelo Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, são uma publicação científica periódica esporádica com duas séries: Série Investigação e Série Educação. A primeira Série está vocacionada para publicações científicas dos investigadores do NIGP e dos professores visitantes do Departamento de Geografia da Universidade do Minho. A segunda Série destina-se a publicações com um carácter predominantemente pedagógico, orientadas para o apoio às actividades lectivas do Departamento de Geografia da Universidade do Minho. As opiniões e conceitos emitidos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Os “**Geo-Working papers**” têm uma edição limitada em papel, sendo publicados em edição electrónica, de acesso livre, no site do NIGP.

Narrativas de lugar e memória: a importância de crescer o espaço na identidade do sujeito

Ricardo Nogueira Martins¹

Resumo:

O tempo interfere com a noção de espaço no sentido em que memórias anteriores nos fornecem fortes valores sentimentais a lugares e espaços na atualidade. Neste processo, e retroativamente, espaço, lugares e paisagem têm um papel crucial no moldar da memória individual e desta forma na memória coletiva humana. Num só tempo, a sociedade vive o presente mas também o passado, pelos resquícios memoriais de outrora e pelas projeções futuras baseadas, em parte, no repetir a experiência das ações passadas. Relembrando pequenos *frames* ocorridos num determinado espaço, a memória que prevalece, na maior parte dos casos, é regida pelo tempo mental, ao invés da percepção temporal cronológica.

A Geografia Cultural Contemporânea tem assim estado a repensar o papel da memória humana enquanto ferramenta de movimento dentro de uma produção de conhecimento sobre o espaço e lugar.

Neste sentido, o estudo da memória enquanto problemática é crucial para entender como as identidades são nutridas pelo sentido de lugar. De alguma forma os indivíduos dão sentido às paisagens, ao ativar experiências biográficas de geografias situadas temporal e espacialmente, que apesar do seu carácter de palimpsesto, são regularmente organizadas na forma de narrativas lineares espacializadas, que operam como elementos centrais no processo da formação identitária.

Defendendo a memória como um processo de construção pessoal e espacial do sujeito, enquanto construção emocional do sentido de lugar e de construção identitária, através da análise de narrativas acerca da experiência do lugar, tenta-se debater a experiência do espaço pelos indivíduos, codificada através de inúmeros rituais em diferentes hábito culturais, através de médiuns que articulam as categorias modernas de espaço e tempo, e neste processo compreender a transformação do espaço em lugar pela e com base na experiência vivida.

¹ Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Campus de Azurém, 4800-058 Guimarães, nogueiramartins.geografia@gmail.com

Quando compartilhada por grupos, esta experiência é transformada num sistema de signos geográficos, em representações culturais de espaço, lugar e natureza.

Palavras-chave: tempo-espaço, narrativas de lugar, memória, identidade

Abstract:

Time interferes with the spatial notion in a way that the past memories give us a strong sentimental value to places and spaces nowadays. In this case, and retroactively, space, places or landscapes share a common thing and they do part of the human collective memory. In just a single time, society lives in the present and also in the past by the mental remnants of once dominant and future projections based in part on repeating the experience of anterior actions. Remembering little frames of our life occurring in a space, the memory that prevails in most of the cases is connected with the mental time instead of the chronological timeline perception.

Contemporary Cultural Geography has thus been rethinking the role of memory as production of knowledge about space and place.

In this way, the study of memory as a problematic issue is crucial for understanding how identities are nurtured by the sense of place. Somewhat, individuals give meaning to landscapes by activating biographic experiences of situated time-space geographies and in spite of their palimpsestic character they are often organized in the form of a linear narrative that operates as central in the process of identity formation.

Defending the memory as a personal and spatial construction of the individual, as an emotional construction of a sense of place and identity construction, through the analysis of narratives about the experience of place, we try to debate the experience of space by individuals, encoded by many rituals in different cultural habits and by mediums which articulate the modern categories of space and time, and within this process, understanding the transformation of space in place and based on the lived experience

When shared with groups, this experience is transformed into geographical sign systems, into cultural representations of space, place and nature.

Keywords: time-space, place narratives, memory, identity

A deformação espacial como narrativa da percepção do lugar

A percepção, como ferramenta multissensorial que interfere na construção da concepção do lugar, implica uma interação com os mundos visíveis e não visíveis, enquanto processo contínuo para a realização da deformação espacial resultante da interação destas duas dimensões. De facto, para um melhor entendimento da temática da deformação espacial e construção identitária que aqui é apresentada, é necessário uma compreensão do papel e desenvolvimento da geografia da percepção dentro do pensamento e das práticas geográficas. Especialmente a partir das décadas de 60, 70 e 80 do século XX altura em que as geografias humanistas contribuíram para um entendimento mais profundo da percepção humana ao tratar o espaço e o seu significado.

As tentativas de explicação do que se pode entender por percepção são inúmeras, quer na área da psicologia (essencialmente) quer nas largas explicações filosóficas ou geográficas. Contudo, parece-me importante salientar uma visão de concordância entre todos, que é a de que a percepção conecta e diz respeito aos sentidos humanos, a qual, reportando Marilena Chauí (2000), diz respeito ao modo como a nossa consciência se relaciona com o mundo, ou seja, com o espaço, através da mediação do corpo e dos sentidos que o compõe.

As geografias humanistas, preocupando-se com o ser humano no seu sentido mais amplo, analisam a relação entre "homem/ mulher" e "ambiente" com uma visão de compreensão do significado e valor dos acontecimentos humanos e também da percepção que o sentido da vida humana obtém. O trabalho de alguns geógrafos humanistas (Tuan, 1974, 1977; Porteous,1990) permitiu um maior entendimento do papel dos sentidos humanos visuais e não visuais nas relações para com o meio como um importante processo para a construção de significados geográficos.

Para Y-Fu Tuan (1977), abordar o tema da percepção é também abordar o tema da experiência, em que, considerando este aspeto, a percepção do lugar está engrenada na construção do lugar. Desta forma, os sentidos, bem como as emoções e as narrativas, são constitutivas da deformação espacial, e, como este geógrafo examina, "o sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da Experiência, de modo que poder-se-ia falar de uma vida de sentimento como se fala de uma vida de pensamento" (Tuan, 1977:10).

Para Tuan a percepção é entendida como resposta aos estímulos externos que nos estremecem, produzindo um fenómeno seletivo de exclusão de fragmentos selecionados de experiências de espaço e, ao mesmo tempo, selecionando criteriosamente outras experiências de espaço-tempo, que vão ser integradas como parte da máquina da memória humana (Tuan, 1974).

Os sentidos são fundamentais para a deformação espacial, acreditando que sejam também na deformação predominante na transição do espaço conceitual para o espaço percebido e mais tarde para o espaço vivido e no seu sentido mais amplo, dando um lugar ao espaço².

Numa linha similar, Douglas Porteous (1990) sublinha a importância de uma compreensão do papel dos sentidos humanos não visuais, no que concerne à experiência de espaço como algo que deve ser aprofundada nos estudos da paisagem, advertindo para o uso exacerbado da construção da metáfora visual e criticando dominantes construções espaciais contemporâneas:

“A visão distancia-nos das paisagens; é fácil sentir-se desenquadrado. Tal não é o caso de outros modos sensoriais, particularmente o olfato e tato. No entanto, com exceção de audição, estes outros sentidos estão cada vez mais negligenciados na civilização urbana.”

Porteous, 1990:5

Os assentamentos urbanos e as civilizações urbanas podem ser comparadas a “máquinas” do tempo onde o espaço é usado para acelerar o fator temporal. Contudo, qual é o real significado da velocidade e distância, bem como a sua percepção dentro deste processo? A afirmação de Porteous (1990) traz a debate uma importante reflexão do espaço e de como ele nos é intrínseco, em que, de acordo com certos sentidos corporais, pode ser “excitado” ou negligenciado. A percepção do tempo como um fator e produto cultural, e por outro lado a implicação da mobilidade de forma a aumentar a diminuição do fator tempo como uma ferramenta de velocidade entre dois pontos (implementado na cultura urbana), compreende a experiência de tempo ao reduzir o significado de distância no espaço: a compressão e convergência do tempo-espaço (Janelle, 2001). Este refere-se no seu sentido mais lato a tecnologias que parecem acelerar ou elidir distâncias espaciais e temporais,

² Referente à abordagem teórica da produção do espaço e dialéticas espaciais (Lefbvre, 1991).

incluindo as tecnologias de comunicação, de mobilidade, que tratam o tempo e o espaço como um meio homogêneo de movimento.

A preponderância de tempos “acelerados” altera o sentido de lugar e a experiência de espaço, ao mesmo tempo que altera os sentidos corporais. Quanto mais nos movermos, menos nos sentimos pertencentes a uma unidade territorial em particular, reduzindo deste modo o sentido de lugar. Para uma concepção do lugar acredito que somente experienciando o espaço possa ser um lugar, ou noutras palavras, somente após perceber o espaço, vivendo-o aplicando todos os sentidos, poderemos falar sobre uma concepção do lugar como objeto, onde a experiência é composta por sentimentos e pensamentos. Uma terminologia para as variadas formas em que um sujeito conhece e constrói a realidade, a partir de modos diretos ou passivos (cheiros, sabores e toques, e percepção visual), modos directos mais abrangentes por sua vez, ou por modos indirectos, como resultado da simbolização e criação de representações/códigos geográficos (Oakeshott, 1933).

A concepção do lugar é entendida como uma realidade corporal, situando-se o sujeito num determinado espaço e tempo. Lidar com o sujeito e espaço, dependendo das opiniões dos cientistas sociais, pode ter duas variações. A primeira, tem em consideração a transformação espacial e a concepção do lugar enquanto sujeito, condicionando-a, e a outra, considerando a concepção do lugar como objeto, se a ação que for realizada pelos sujeitos for ela mesma o condicionante do espaço.

Neste quadro, o corpo é um ponto de inserção no espaço e o sujeito é o ser encarnado que vive no lugar. Tendo em conta esta teoria geral da percepção como uma ferramenta multissensorial, é-nos facilitada a compreensão da percepção de dois modos diferentes. Primeiro, como a recepção de informações, o ato da sensação, através da audição, visão, tato, paladar e olfato (Rodaway, 1994), uma espécie de chamada para uma geografia do corpo através do domínio e presença dele no espaço, onde a mente atua como palco de representação e o olho e outros aparelhos de visualização transmitem uma visão objetiva dos fenómenos (Azevedo, AF; Pimenta, JR & Sarmiento, J., 2009), que deve ser visto e entendido por uma geografia mais sensorial e pela (re)teorização do corpo na ciência geográfica. Como Michel Certeau e Walter Benjamin³ defendem, as nossas práticas ou a teoria não-

³ Walter Benjamin (1992; 1997) têm um conjunto de estudos que estuda o significado da nossa distraída, tática e habitual de “compreensão” da cidade e da vida nas sociedades capitalistas (Harrison, P. & Anderson, B., 2010).

representacional⁴, envolvem *a priori* um necessário nível de percepção para entender o nosso "mais que humano" e "mais que textual" mundo multissensorial (Lorimer, 2005:83), sentido pelos corpos relacionais, em que todas as ações são interação através de aproximações ao meio, disposições e hábitos.

A segunda, a percepção como uma performance mental, feita de uma gama de informações sensoriais, atos de cognição, com memórias e expectativas (Roadaway, 1994), que estão colocadas em prática por narrativas e discursos, uma produção humana que entende a experiência/percepção como papel preponderante no conhecimento do espaço e na construção de identidades e que envolve a memória como um dos módulos.

A produção humana é para alguns autores da Teoria dos Atores em Rede (ATN⁵) (Callon & Law, 1997; Waarden, 1992; Castells, 1996) um constituinte numa rede social de elementos materiais e imateriais como condição humana e não humana.

Esta teoria, desenvolvida na França na década de 80 por Michel Callon, John Law e Bruno Latour, propõe a não subscrição da divisão entre a sociedade e natureza, contexto e conteúdo, humano e não-humano, fenômeno de nível micro e fenômeno de nível macro, ou conhecimento e poder, todos eles entendidos como um produto/matéria de coletividade social (Ritzer, G., 2005). A produção humana embebida na percepção e experiência estará assim atenta aos atos de conhecer o espaço e de construir a identidade que por sua vez se fortalece por rede de atores (humanos e não humanos) ligada a uma rede de elementos (materiais e imateriais), como ideias e valores.

A memória é assim um elemento material no que concerne à reprodução de textos, objetos e outros, e imaterial no sentido em que cada indivíduo e corpo é, ao mesmo tempo, memória, elemento arquivador de experiências, que faz do corpo uma espécie de diário de qualidades e defeitos suportado pela identidade que forma.

Assim, a ATN auxiliada pela memória como um dos módulos permite a cooperação, a socialização material ou imaterial ao longo do tempo e de pessoa para pessoa através de redes sociais de cooperação (Filho & Ferreira, 2010). São estes dois diferentes modos, o ato da cognição e o ato da sensação da (de uma) percepção,

⁴ A Teoria não-representacional baseia-se nas práticas de como as formações humanas e não humanas são decretadas ou executadas e não apenas sobre o que é produzido. Cunhada por Thrift (1996 cited in Johnston, J. & Gregory, D. & Pratt, G. & Watts, M. (eds), 2000) esta teoria tenta quebrar a ênfase na representação e interpretação em vez de analisar os modelos de pensamento e ação das múltiplas possibilidades de interconexão produzidos no tempo e no espaço.

⁵ Acrônimo em Inglês: Actor-Network Theory

que compõem o sentido de lugar ou Topophilia (Y-fu Tuan, 1977), caracterizado pelas marcas, vestígios humanos, no sentido em que qualquer superfície terrestre esteve associada a um processo de posse, de repulsa, ou de interesse em possuir. A percepção numa visão geográfica simboliza não só a possessão da construção espacial de fronteiras, ou delimitação espacial, mas sim o "pertencer", reclamando assim o lugar. O termo "Topofilia" pretende pois descrever o vínculo dos indivíduos para com os lugares em que este tipo de vínculo sentimental de posse à terra é consequência de um período específico de atuação, situado e mediado pela cultura, contribuindo para transformar a faixa de incidência, dependendo das suas narrativas da fenomenologia do lugar.

A fenomenologia, e em particular o trabalho mais importante de Merleau-Ponty, *The Phenomenology of Perception* (Ponty, 1962), seguindo o trabalho de Edmund Husserl (1939), coloca o corpo no debate dos estudos filosóficos desde o filósofo grego Platão.

O corpo assume, para Ponty, um papel preponderante, não só como agente de percepção, mas também no discurso, na relação com o outro e deste modo na conceção do lugar, onde a matéria "corpo" se situa como sujeito na realidade externa, ganhando valor com a percepção do espaço/lugar e tornando-se uma dimensão ativa e constitutiva: "Na medida em que eu tenho mãos, pés, um corpo, eu sustento à minha volta intenções que não são dependentes das minhas decisões e que afetam o meio de uma forma que eu não escolho" (Ponty, 2002:511).

Neste sentido, metodologias particulares na pesquisa em geografia cultural pretendem usar a abordagem Hermenêutica, no que diz respeito ao estudo e interpretação o significado dos textos, e como parte integrante da utilização da linguagem (Johnston, J. & Gregory, D. & Pratt, G. & Watts, M. (eds), 2000). Inicialmente dedicada ao estudo dos textos bíblicos, rapidamente se assumiu como uma metodologia forte em vários campos das ciências sociais humana especialmente com o(s) trabalho(s) de reflexão de Wilhelm Dilthey.

Aplicável às "palavras", compreendendo textos e outras narrativas não textuais e todo o processo interpretativo e problemas que afetam a comunicação, como preposições, significados, a filosofia da linguagem e semiótica, a hermenêutica, e o seu significado objetiva perceber o contexto social que forma, refletindo formas de viver (arte e ferramentas) paisagens e lugares como uma objetivação da vida (Johnston, J. & Gregory, D. & Pratt, G. & Watts, M. (eds), 2000:334).

Dialogando como este tipo de narrativas possa estar a condicionar ou não à condição do ser humano, colocando-o no centro do pensamento geográfico e a sua relação com a natureza, examinam-se produtos culturais como a literatura e outras artes. A intromissão de narrativas na deformação espacial torna a deformação espacial como uma narrativa de percepção lugar que ganha poder de pensamento com a ideia de construção social do espaço. A construção social do espaço tem como alicerce a máxima de que o lugar é construído socialmente (Augé, 1992) e praticado pela interação de corpos enquanto agência humana de grupos e indivíduos com o meio.

“O lugar pode ser definido como relacional, histórico e preocupado com a identidade”.

(Augé,1992:77).

Na verdade, a narrativa é uma forma típica da vida social e "a vida é uma narrativa social " (MacIntyre, citado em Czarniawska, 2004). A vida do sujeito preenchida de ações e eventos, uma narrativa de viver o espaço, propõe-se uma reflexão do papel da ação humana⁶ na deformação do espaço. A deformação do espaço é feita por eventos e ações humanas substituídos por um comportamento que coloca a experiência em termos de descrição sensorial. Czarniawska (2004), apoiada por textos de Shutz (1973), mostra que qualquer conduta humana e ações não podem ser possíveis de compreensão em relação às intenções que possuem, ignorando os contextos em que elas fazem sentido. Quer dizer que o espaço é ao mesmo tempo social bem como narrador do lugar de modo que estas definições de conduta humana podem ser, segundo Czarniawska, explicadas por instituições, práticas ou outros contextos criados por humanos (contextos históricos e toda a história individual dos "atores").

Da mesma forma, o termo “ação” é um ponto-chave para a presente reflexão, numa compreensão da deformação do espaço e da conceção narrativa de lugar. O conceito de ação está relacionado com outras tradições de pensamento (Czarniawska, 2004), entre elas o pensamento geográfico.

A primeira, a hermenêutica literária, estudando a interpretação de textos escritos como uma formação social do objeto onde a ação mais significativa pode ser

⁶ Ato intencional ocorrendo entre atores numa determinada ordem social (Harré,1982 citado em Czarniawska,2004)

considerada como um texto (Ricoeur, 1979) e a segunda, a fenomenologia, estudando a estrutura da experiência subjetiva e consciência. Para Augé, este “lugar” é um entendimento comum de uma sociedade transparente e plenamente expressa no uso mais trivial e na total harmonia de personalidade de cada dos seus sujeitos. Esta aproximação e o contributo das geografias humanistas para o entendimento de lugares, referem que o espaço se transforma em lugar pelas experiências e significados, tal como de Certeau (1984), um estudioso cuja obra combina história, psicanálise, filosofia e ciências sociais, para quem “o espaço é um lugar praticado” (1984:117), um lugar frequentado, misturado por corpos pelas suas (rel)ações, introduzindo a variante do movimento às narrativas e à prática espacial.

Também Tuan (1977) explica-nos que o espaço necessita de movimento. Da mesma forma, um lugar precisa de um espaço para ser um lugar. Espaço e lugar estão intimamente ligados, em que um precisa do outro para se fazer valer, assumindo-se como co-dependentes.

Embora tenham surgido fortes críticas à aproximação humanista em relação à compreensão do espaço e lugar, “acusado de fornecer uma compreensão superficial da ação humana” (Azevedo, 2006:58), durante os anos 70, como vimos com Tuan, permaneceu activa e (re)produzida em diversos programas. Críticas tais como a “Produção de Espaço”, na década de 80, mostram a importante conclusão que, defendida por Augé e Certeau, não é possível uma análise social independente de práticas, nem uma análise espacial independente das práticas sociais, o que significa que para cada espaço corresponde uma cultura (s) e que o espaço e tempo se fundem num processo comum⁷.

No capítulo “Spatial Stories” (De Certeau, 1984), em especial, o autor descreve a importância das histórias do quotidiano através de práticas espaciais como narração com o intuito de reescrever o espaço em lugar. A narrativa, bem como a teoria da narração, “é indissociável das práticas, como sua condição, assim como produção” (Certeau, 1988:78). Podemos observar ainda na tríade de Lefebvre para uma melhor prática espacial enquanto narração, como uma teoria que remete para três estados do espaço onde o corpo é peça-chave, podendo ser visto como a relação dos elementos em três dimensões: as práticas espaciais, representações do espaço e o espaço representacional. O espaço percebido, o espaço concebido e o

⁷ Em certos idiomas, como no inglês, a identidade do lugar ou do espaço mostra-se dependente das práticas sociais. Uma curiosa analogia mostra que a identidade de uma unidade territorial está intimamente ligada à identidade pessoal: “I am here” em português: “eu estou aqui” supõem um “I am”, um “eu sou” (Lynch, 1998).

espaço vivido (Lefebvre, 1991). O primeiro espaço representa as práticas de espaço e práticas espaciais (espaço percebido) que envolvem as interações diárias de pessoas no espaço, como bolhas que invisivelmente cercam os nossos corpos na complexa organização espacial das práticas sociais que moldam nossas ações no espaço. O segundo, representações de espaço (espaço concebido), conecta-se ao sentido da linguagem e dos signos e da hegemonia das práticas associadas com as relações de produção e a ordem imposta por essas relações. E por fim, o espaço de representação (espaço vivido) promovendo a resistência à imposição de representações hegemônicas de espaço, desafiando sua transparência aparente. Da relação entre o espaço percebido, concebido e vivido, Lefebvre foi capaz de construir a sua máxima de que o "espaço é um produto social" (Lefebvre, 1991: 27).

Estas práticas espaciais, que funcionam como narrações que reescrevem o espaço em lugar, parecem fundamentais para a concepção do lugar. Curiosamente Massey (1994) argumenta que os lugares não têm identidades únicas, mas sim múltiplas que se constituem pelas práticas espaciais individuais e que os lugares não estão congelados no tempo, são sim processos.

Tempo e Espaço, um comum processo de narrativa

Na verdade, parece plausível apresentar uma interconexão da temporalidade espacial dos fenômenos, onde o tempo e o espaço só fazem sentido quando experienciados num processo comum. A primeira contribuição substancial sobre a moderna reflexão de espaço e tempo pode ser apontada ao geógrafo e filósofo Immanuel Kant (1991), na defesa do espaço como intuição pura⁸. O tempo é, para Kant, *a priori*, colocando-se antes a experiência, de modo que a sucessão de algo (um evento) é capturado e realizado ao nível do raciocínio. O tempo não pode, portanto, ser experimentando como outros fenômenos (o mundo como nós o experimentamos), porque é a causa para que algo seja ao mesmo tempo, 'simultâneo', ou em outros momentos, "sucessivo" (Kant, 1991). Kant argumenta assim que o espaço e o tempo são ambas formas puras da intuição e puras intuições humanas. Eles são formas puras da intuição, porque, para o autor o espaço e o tempo devem preceder toda a experiência e percepção da estrutura de cada estado

⁸ *a priori*, que não deriva da experiência.

dos objetos externos e internos e da forma como o conhecimento se relaciona imediatamente aos objetos (Guyer, 1998).

A indissociação do espaço e do tempo pode ser analisado no que David Harvey (1990) chama de compressão espaço-temporal e do que Massey (1994) explica ser um movimento de comunicação através do espaço.

A definição de um processo de apropriação das atividades espaciais no tempo foi primeiramente relatada utilizando exemplos como as atividades capitalistas que tentam extrair o maior valor (lucro) por unidade de tempo possível (Janelle, 2001). No entanto, a aproximação a Harvey transcende os espaços do capitalismo, como Janelle identifica, porque mesmo sobre domínios locais, o capital global prospera em horizontes de tempo, principalmente pela sua capacidade de erradicar a distância, como inibidor para o domínio.

As ações de compressão do tempo-espaço dependem em parte da percepção temporal para a sua actuação. O excelente trabalho do geógrafo Torsten Hägerstrand no ano de 1970, considerando o uso do tempo nas análises espaciais, defende precisamente que "as pessoas envolvem-se na geografia de um processo quotidiano dentro de um orçamento limitado de tempo, bem como dentro de um quadro definido de espaço" (Dodgshon, 2008:2), previamente estipulado.

As práticas de atividade espacial no tempo tornam o tempo e espaço central para a construção de todas as relações sociais que constituem a teoria social e, como Thrift (2002) defende na sua teoria social, os sujeitos, não podem ser separados da estrutura espacial e temporal. Bourdieu (1977:9), em conexão com as teorias de Hägerstrand, afirma que "as práticas são definidas pelo fato de que sua estrutura temporal, direção e ritmo são constitutivos do seu significado". Estas práticas são enfatizadas pelo papel de narrativas, e que temporalmente situam as práticas (Crang, 2008), expondo como a narrativa tem a capacidade de colocar seres humanos e atividades humanas no tempo (Ricoeur, 1983).

Não só importa a narrativa no seu significado textual, mas também uma narrativa do lugar, treinado pelo visual, oral e escrita geográfica do corpo no espaço, apoiada pela reprodução de representações através do fator tempo num memorial identitário da construção social do espaço-lugar. O estudo da narrativa, num ponto de vista da percepção do indivíduo, pode mostrar a interpretação das representações percecionadas como uma importante produção de identidade ou, em outras palavras, de concepção do lugar.

As narrativas que permitem no “tempo” qualquer característica humana ou física em diferentes contextos sócio espaciais, suscetíveis de alteração, atuando numa superfície inter-geracional, enfatizam a auto-modelação do pensamento humano, transmitindo a memória. Roland Barthes, um filósofo francês, afirma que a “história da narrativa começa com a história da humanidade; não existe, e nunca existiu, um povo sem narrativas” (1966: 14). A narrativa como “um relato de qualquer ocorrência” (Macdonald, 1972: 876) como podemos ver é fundamental para a compreensão humana e construção social não determinando a concepção do lugar. Estas formações discursivas e narrativas constroem as posições do sujeito que, segundo Foucault, são estas posições de formação e de enunciação que de certa forma modelam a identidade e que após a prática de comunicação e propagação inter-geracional de hábitos, a identidade do lugar, possa ser entendida como algo produzido e suscetível de ser (re)produzido através de narrativas que as pessoas “usam para explicar e compreender suas vidas” (Lawler, 2008:18) no decorrer do tempo.

Devemos então ter em conta que o sentimento existente em cada sujeito pertence ao lugar onde ele vive, e não é de fácil dissolução. Por um lado, se a narrativa permite a sociabilização dos fatos e ocorrências espaciais no espaço e no tempo, por o outro, a memória como uma transmissão de factos, que permanecem no tempo, permite compor algo que nos constrói inerentemente tal e qual como a susceptibilidade de ser transmitido entre sujeitos.

A importância do fator temporal para o estudo de concepção do lugar através das narrativas e memórias, provenientes da relação das memórias individuais, conecta-se com a qualidade do passado ser o presente e futuro, no sentido em que caracteriza os nossos momentos reais e vai influenciar os vindouros. A memória como um conceito de “lembrar, criar e recriar o passado” (Rodríguez; Fortier, 2007:1) tem papel assumido no processo.

Memória e bionarrativas: a construção de um lugar de narrativas

A capacidade dos lugares para armazenar e evocar memórias pessoais e coletivas bem como experiências corporais no pertencer e mover através do espaço,) cria um sentimento de identidade comum, fazendo da narrativa “a principal forma de

vida social, pois é o principal dispositivo para dar sentido à ação social" (Czarniawska, 2004:11).

A questão da memória e a tendência para expandir o alcance da memória para outros estudos, considerando o papel da performance das práticas corporais e não corporais na elaboração de memoriais de paisagens (Hoelscher, 2004), faz com que, como Hoelscher defende, estas "memória coletiva", "memória social", "memória pública", "memória histórica", "memória popular" ou "memória cultural", e concordando com Edward Said, sejam revistas por pessoas que agora "olham para a memória e para a memória do lugar remodelada, especialmente pelas suas formas coletivas, para se dar uma identidade coerente, uma narrativa nacional, um lugar no mundo" (Said, 2000: 179).

O ato de lembrar a memória de um determinado espaço/lugar vivido, é complexo em determinação da narrativa da vida, supondo que o percurso do sujeito é uma história biográfica. O ato de relembrar interferirá assim em dois domínios humanos de desmembramento: um, relembrando a memória, e o outro sobre a memória que é lembrada. Estes dois componentes, o relembrar a memória e a memória que é lembrada, não são necessariamente distintos, mas a disjunção de um do outro é de difícil atuação, pois interfere na ação de reformular o pensamento sobre a memória que é lembrado e do significado que é lhe é dado (Wood & Byatt, 2008).

As bionarrativas são desta forma associadas a um lugar que funcionou como um palco para representações, através do tempo e espaço, unidade do lugar, e que irá servir a parte social do viver o espaço e fazer o lugar, para construção da memória.

O corpo é de alguma forma uma metáfora para o lugar que vive, combinando a história da vida que vive, na história do lugar de onde ele pertence e vice-versa.

A narrativa numa visão autobiográfica "é como escrever um livro" (Czarniawska, 2004:5), o livro vazio como o espaço e o texto escrito como lugar, a narrativa como um modo de conhecer, descrever e construir o lugar. Se entendermos o sujeito e o lugar num processo contínuo, o sujeito entendido como um desdobrar através de episódios que expressam e constituem o sujeito em ação no espaço, podemos consentir que o sujeito está configurado pelo e ao longo do tempo e através da narrativa (Lawler, 2008).

Uma narrativa de lugar de um vivido, espaço vivo que intromete a memória num profundo e contínuo estágio social sendo interpretada e reinterpretada pelas

relações sociais no espaço. Entendamos então a identidade como "algo produzido através de narrativas que os povos usam para explicar e compreender suas vidas" (Lawler, 2008:17), numa completa modalidade de experiência. O sujeito dessa forma "torna-se um projeto reflexivo" (Giddens, 1991:32), que pode fazer a (re)construção e interpretação pela memória do lugar por um exercício passado / presente celebrando alguns lugares que mais não existem de uma forma física.

Esta reflexão transformada em discurso é formado pelo quem vive (o) que espaço, de acordo com a produção de signos geográficos e representações geográficas, através do predomínio de narrativas para a construção de uma concepção de lugar e de identidade.

Explorar a memória, que armazena e visualiza a construção do lugar, é imperativo na representação do lugar. A representação da terra pelos habitantes passa através de uma alegoria de conceitos de "transporte" tais como as narrativas.

As representações são então, um conjunto de práticas pelas quais os significados são elaborados e comunicados, produzindo significados que circulam entre os membros de grupos sociais, significados estes que podem ser definidos como cultura. Assim, parte dos significados são baseadas em representações do mundo, onde as pessoas fazem significados dos seus próprios mundos e estão posicionados dentro de mundos sociais através de representações. Entender o espaço como mutável e tomando o lugar como um espaço narrado por atos memoriais é central. O que era e o que é atualmente o espaço, é um processo de análise geográfico pertinente para entender as transformações espaciais e atos sociais na superfície terrestre.

Notas conclusivas

Entendemos que as memórias pessoais de crescimento no espaço desempenham um papel importante no crescer/alterar do conceito espacial.

Neste caso, enquanto a mente humana foi crescendo em conhecimento, a sua mente estava crescendo em memória também.

A percepção como um ato geográfico de deformação do espaço, apoiada pelo movimento, é num primeiro estágio desempenhado pela criança, como Tuan (1977) examina. A ideia de lugar numa perspectiva geográfica torna-se mais específica no decorrer do crescimento do ser humano. Por exemplo: "Para a pergunta, onde

gostas de brincar? a de dois anos de idade, provavelmente diria "casa" ou "no exterior". Uma criança mais velha iria responder "no meu quarto" ou "no pátio" (Tuan, 1977:30).

Mais uma vez, é a percepção que completa a concepção local e também ajuda nas imaginações geográficas de construção da proporção de espaço / lugar.

Ao mesmo tempo, a experiência organizada da narrativa como uma forma de conhecer o espaço, cria no sujeito a identidade do lugar ou as narrativas de espaço pelo sujeito enquanto agente da transformação espacial.

A deformação espacial operada e a transição do quarto/casa/rua/bairro/cidade de algo inseguro, não explorado até então, e de certa forma libertária transformando-se gradualmente em lugar, conhecido, embrenhado em criações de relações de afetividade, permite a criação da atratividade do lugar e, subseqüentemente, a identidade do local e do sujeito.

A geografia, ao ser a ciência que descreve e estuda a superfície da terra e as atividades produzidas nela, tem em comum as narrativas, narrativas que reproduzem e descrevem os atos humanos no espaço e tempo. Neste sentido, assumimos que as narrativas e memórias para a geografia são uma geografia de espaço-tempo. Estas narrativas serão posteriormente, disseminadas pela memória no decorrer do tempo e em diferentes espaços.

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Ana Francisca de Azevedo (Departamento de Geografia, Universidade do Minho) por todos os comentários enriquecedores providenciados e indispensáveis para a presente construção textual.

À licenciada e amiga, Joana Fernandes Cabo, o meu obrigado pela revisão linguística do idioma inglês. Por último, mas não menos importante, à minha família por toda a energia.

Referências

- Anderson, B. & Harrison, P. (2010). The promise of non-representational theories, Taking-place: non-representational theories and geography (pp.1-36). London: Ashgate.
- Augé, M. (1992). Los "no lugares", Espacios del anonimato, Una antropología de la sobremodernidad. Barcelona: Gedisa.
- Azevedo, A.F. (2006). Geografia e cinema: representações culturais de espaço lugar e paisagem na cinematografia portuguesa (dissertação Doutoral, University of Minho, 2006). Retirado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6715>
- Azevedo, A.F. Pimenta, J.R. & Sarmento, J. (Eds.) (2009) Geografias do Corpo. Ensaio de Geografia cultural. Porto: Figueirinhas.
- Barthes, R. (1975). Introduction to the Structural Analysis of the Narrative, New Literary History, 6 (2), 237-272. Retirado de http://tucnak.fsv.cuni.cz/~kabele/Rican/Barthes/Barthes_structural%20analysis%20of%20narrative.pdf
- Bourdieu, P. (1977). Outline of a Theory of Practice. Great Britain: Cambridge University Press.
- Chauí, M. (2000). Convite à filosofia. São Paulo: Ática.
- Czarniawska, B. (2004). Narratives in Social Science Research. London: Sage Publications.
- De Certeau, M. (1988). The practice of everyday life. California: University Columbia Press.
- Dear, M.J. & Flusty, S. (Eds.) (2002). The spaces of Postmodernity. UK: Blackwell Publishers.
- Dodgshon, R.A (2008). Geography's place in time, Geography Annals. B, 90 (1), 1–15. Retirado de <http://www.umsl.edu/~naumannj/professional%20geography%20articles/GEOGRAPHY'S%20PLACE%20IN%20TIME.pdf>
- Filho, V.A.V & Ferreira, T. (2010). Teoria de redes: uma abordagem social. Revista Conteúdo, 1(3), 1-19. Retirado de <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/27/25>
- Giddens, A. (1991). Modernity and Self-Identity. UK: Polity Press.

- Guyer, P. (2008). *Knowledge, Reason, and Taste: Kant's Response to Hume*. United States of America: Princeton University Press.
- Hall, S. (1995). New cultures for old. in Massey, D. & Jess, P. (Eds.), *A Place in the world? Places, cultures and globalization* (pp.175-213). Oxford: Oxford University Press.
- Hall, S. (2000). Who needs 'identity'?. In Gay, du Paul, & Evans, J., & Readman, P. (Eds.), *Identity: a reader* (pp.15-30). London: Sage Publications.
- Harrison, P.; Anderson, B. (2010). *Taking-Place: Non-Representational Theories and Geography*. Uk: Ashgate
- Harvey, D. (1990) - *Between Space and Time: Reflections on the Geographical Imagination*, *Annals of the Association of American Geographers* 80(3), pp.418–434.
- Harvey, D. (1990). *The condition of Postmodernity*. USA: Blackweel Publishers.
- Hoelscher, S. & Alderman D.H (2004). Memory and place: geographies of a critical Relationship. *Social & Cultural Geography*, Vol. 5 (3), 347-355. Retirado de https://webpace.utexas.edu/hoelsch/Hoelscher%20Publications/2.%20Hoelscher%20and%20Alderman_%20Memory%20and%20Place.pdf
- Janelle, D.G. (2001). Time-Space Geography. *International encyclopedia of the social sciences, Time Series, Seasonal Adjustmnet*, pp.15746-15749.
- Johnston, J. & Gregory, D. & Pratt, G. & Watts, M. (Eds.) (2000). *Dictionary of Human Geography*. (4nd ed.). Great Britain: Blackwell Publishers.
- Kant, E. (1991). *Crítica de la razón pura*, México: Librería Porrúa.
- Lawler, S. (2008). *Identity, sociological Perspectives*. United Kingdom: Polity Press.
- Lefebvre, H. (1991). *The Production of Space*. Oxford: Blackwell.
- Lynch, K. (1998). *Good City Form*. United States of America: The MIT Press.
- Macdonald, A. (Ed.) (1972). *Chambers Twentieth Century Dictionary* Edinburgh. W. & R. Chambers Ltd.
- Massey, D. (1994). *Space, Place, and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Oakeshott, M. (1933). *Experience and its Modes*. United States of America: Cambridge University Press.
- Ponty, Merleau (2002). *Phenomenology of Perception*. (S. Colin, Trans.). Great Britain: Routledge.
- Porteous, Douglas, J. (1990). *Landscapes of the Mind: Worlds of sense and metaphor*. Canada: University of Toronto Press.

- Ricoeur, P. (1973). The model of the text: Meaningful action considered as a text, *New Literary History*, 5 (1), 91-117. Retirado de http://tucnak.fsv.cuni.cz/~kabele/Rican/Ricoeur/Ricoeur_Meaningful%20Action%20Considered%20as%20a%20Text.pdf
- Ricoeur, P. (1983). *Time and Narrative*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Ritzer, George. (2005). *Encyclopedia of Social Theory* (1nd ed.Vols.1).United States of America: Sage Publications
- Rodaway, Paul. (1994). *Sensuous Geographies: Body, Sense and Place*. Canada: Routledge.
- Rodrigu ez, J. & Fortier, T (2007). *Cultural memory: resistance, faith and identity*. USA: University of Texas Press.
- Said, E.W. (2000) Invention, memory, and place, *Critical Inquiry* 26: 175–192
- Thrift, N. (2002). On the determination of social action in Space and Time. In Dear, J. M. & Flusty, S. (Eds.).*The Spaces of Postmodernity: Readings in Human Geography* (pp.106-119). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Tuan, Y-Fu. (1977). *Space and Place: the Perspective of experience*. USA: University of Minnesota Press.
- Tuan, Yi-Fu (1974). *Topophilia, A study of environmental perception, attitudes and values*, New Jersey, Prentice Hall Inc.
- Wood, H. H. & Byatt, A.S. (2008). *Memory an anthology*. UK: Chatto & Windus,

“GEO-WORKING PAPERS” – NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Os “GEO-Working papers” encontram-se abertos à colaboração científica no domínio da Geografia e disciplinas afins.
2. Os “GEO-Working papers” são constituídos por duas séries: Série Investigação e Série Educação.
3. Os “GEO-Working papers” publicam artigos em português, francês, inglês e espanhol.
4. As opiniões e conceitos emitidos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.
5. Os originais submetidos serão apreciados pela comissão editorial, que pode recorrer a especialistas das áreas científicas a que os textos se referem, reservando o direito de aceitação dos mesmos.
6. É aos autores que cabe obter autorização para reproduzir material sujeito a direitos de autor.
7. Os “GEO-Working papers” são publicados em papel, estando, simultaneamente, disponíveis on-line.
8. Os artigos devem apresentar uma dimensão entre 10 e 25 páginas A4, incluindo a bibliografia e as figuras e quadros.
9. Normas para a apresentação de originais:
 - 9.1. Os originais submetidos a apreciação, deverão ser enviados unicamente em formato digital, com a seguinte formatação: letra Arial, a 1,5 espaços, corpo 11 e com margens de 2,5 centímetros. Deverá constar juntamente um resumo que contenha o essencial do artigo (cerca de 700 caracteres para o resumo na língua do artigo e 2000 caracteres para o resumo noutra língua - português, inglês ou francês), além de palavras-chave nas duas línguas.

9.2. Os originais devem conter, em nota de rodapé na 1ª página, o endereço profissional do(s) autor(es), o cargo e instituição a que pertence(m), número de telefone, fax e e-mail.

10. Normas para a bibliografia:

10.1. Na bibliografia devem estar presentes todas as referências citadas no texto e somente estas. As referências bibliográficas deverão ser elaboradas em função dos modelos seguintes:

BURROUGS, B. (1999) – Development and urban growth. in D. Peters (ed.), *Unequal partners*, AAST Press, London.

ROGERS, A.; TAYLOR, N.; GOLDSMITH, G. (1998) – *The politics of rural environments*. Hutchinson, London.

SARAIVA, A.; PIRES, J.; MOREIRA, V. (2002) – Recomendações para a protecção e estabilização dos cursos de água. *Revista da Faculdade de Ciências*, 21(2), Lisboa: 187-222.

10.2. O apelido dos autores citados no texto deverá ser escrito em maiúsculas, sem sublinhado, seguido do ano de publicação. Quando forem citados em bibliografia dois ou mais autores com o mesmo apelido, dever-se-ão incluir as iniciais do primeiro nome. Se existirem mais de dois autores, citar-se-á só o primeiro seguido de *et al.*

11. Os autores dos artigos receberão 5 cópias do “GEO-Working papers”.

Envio de correspondência para:

GEO-Working papers

Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento

Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho

Campus de Azurém

4800-058 Guimarães

tel. 351-253-510560

fax 351-253-510569

e-mail: geowp@geografia.uminho.pt ou vieira@geografia.uminho.pt